

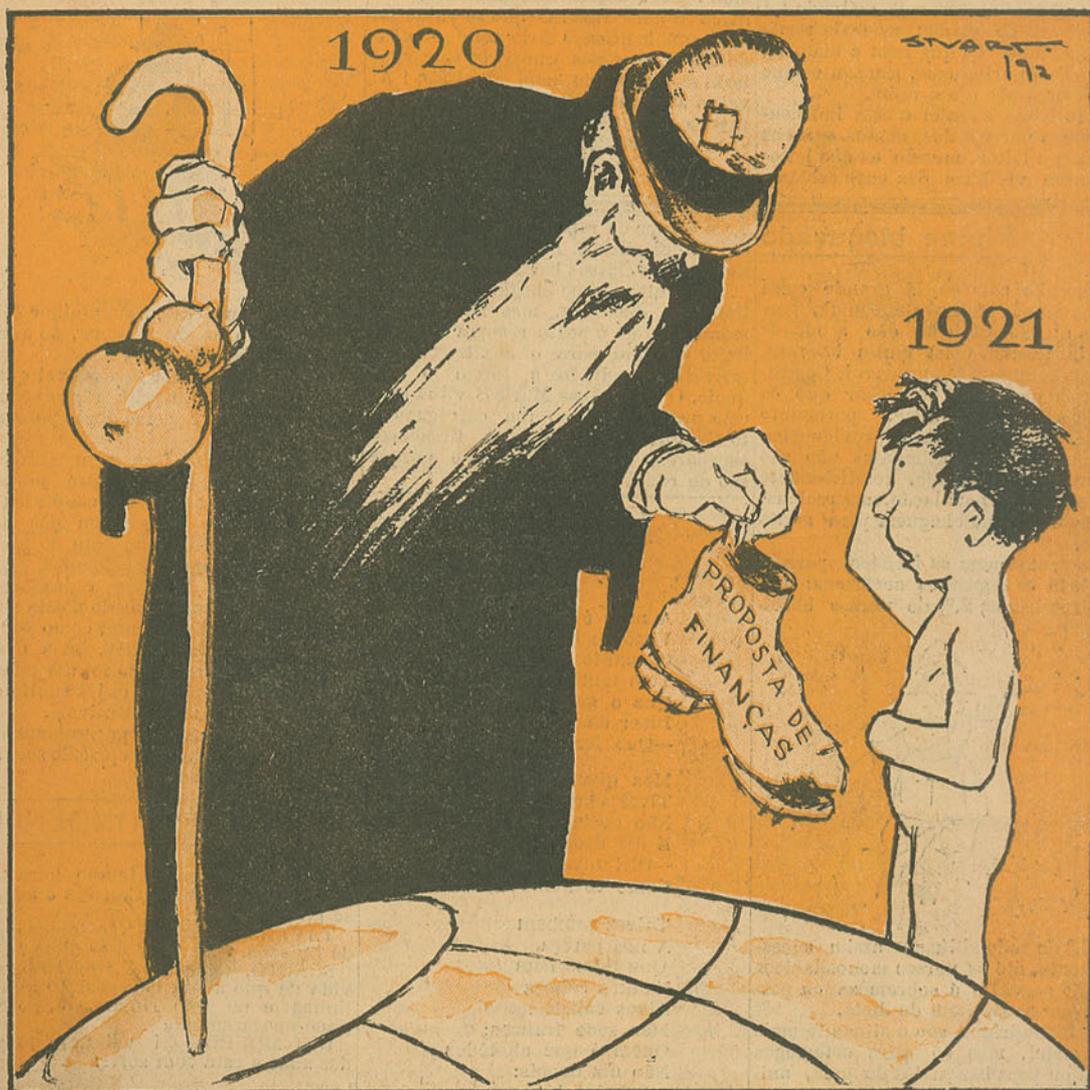
SUPLEMENTO
HUMORISTICO DO

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

HERANÇA



O pai:
 — Aqui tens o que deixo: o meu ultimo par de botas. Descalça-as, se és capaz!



PALESTRA AMENA

Refens

Desabafo

A palestra d'hoje será tudo menos amena, conforme vão vêr. Trata-se d'um patife da peor especie, de tão infame procedimento que não sabemos de palavras que o classifiquem como merece ser classificado, mesmo porque tais palavras não existem nos dicionários correntes. Ladrão como os mais baixos que se conhecem, bandleiro sem escrúpulos, canalha indigno de que alguém lhe olhe para a cara sem lhe escarrar, tal foi o vilão a quem nos referimos, em termos que estão muito áquem d'aquelles que desejaríamos empregar.

José do Telhado ao pé d'este cavalheiro d'industria foi um anjo; João Brândão comparado com este malvado foi uma criança de mama; os mais terríveis facinoras de que reza a historia, aolado d'este criminoso, são santos que se poderiam pôr n'um altar.

E não falamos assim d'essa indecente criatura por via dos nossos agravos pessoais; o leitor, mesmo o não leitores foram victimas das suas cabalas,

das suas infamias, das suas nojentissimas acções. Perdoar-lhe, calarmo-nos por mais tempo sobre tão repugnante tipo, seria uma covardia, que não estamos dispostos a cometer; havemos de escrever-lhe o nome em todas as letras, de publica-lo com caracteres graúdos, para que toda a gente o leia, o amaldiçõe, o aponte como o monstro mais completo de todos os tempos.

Pois que imaginava o maroto? Que não havia de chegar o dia do desabafo e da vingança, o dia em que uma população inteira lhe manifestasse o maximo desprezo, lhe puzesse a careca á mostra? Pois esse dia chegou, trampolineiro das duzias! Se niuquem até hoje teve coragem para te amarrar ao pelourinho da eterna ignominia, temo-la nós, desassombadamente, velhaco d'uma figa! O que te valen foi morreres hontem á meia noite — quando não eramos nós quem te estrangularia sem remédio nem remissão! Ai vai o asqueroso nome do tratante: **O ano de 1920!**

Arre, malandro!

J. Neutral.

Fiume bloqueado

O ano não começa lá grande coisa para os nossos amigos de Fiume, porque as ultimas noticias dão a cidade como bloqueada, coisa muito honrosa, mas mediocrementemente agradável. Comtudo parece que não é de recear que os fiumeses sofram fome, porquanto Gabriel de d'Annunzio já providenciou eficazmente. Os mantimentos não são em grande abundancia, relativamente a densidade da população, mas racionados espera-se que cheguem para muito tempo.

E' o poeta quem os fornece, para o que abriu os seguintes armazens: 1.º, de alexandrinos; 2.º, de versos heroi-



cos; 3.º de redondilhas, e assim sucessivamente, até os versos monossilabicos que são servidos á sobremesa ou pessoa que necessitem de dieta.

Os alexandrinos são o alimento mais substancial, mas só para estomagos fortes ou para banquetes de gala, aniversarios, etc.

Constituem tambem as refeições das pessoas mais categorizadas, como ministros, directores gerais, etc.

Os chefes de repartição papam versos de dez silabas. De sete para baixo são para as classes baixas...

Por muito tempo chegarão os mantimentos, dissemos, mas não será de estranhar que o poeta recorra aos collegas de fora para o auxiliarem, se estiverem resolvidos a forçar o bloqueio. O nosso José Maria S. vilha já se está preparando com um carregamento tão formidavel que se os fiumenses escaparem d'uma indestão é porque são de canelô!

Logares selectos

NOEL

A neve é bela.
Visto de longe
O manto d'ela
Tem tanta alvura
Que a gente deve
Dizer da neve:
—Que formosura!

Mas quem mais perto
Tiver chegado
Não gosta tanto
E diz decerto:
—Oh! niveo manto,
Como és gelado!

Talvez tambem
A nós pareça
Que ficam bem
N'outra cabeça
Alyos cabelos.
Mas sede francos:
Quem é que ao tê-los
Não diz depois:
—Cabelos brancos,
Que feios sois?!

De Celestino Soares

Lindo gesto (rasgo é melhor português, não é?) foi o d'aquelas senhoras que se ofereceram ao chefe do governo para substituírem os presos políticos, nos calabouços, no dia de Natal, enquanto elles iam jantar com as familias, mas havemos de concordar que tem mais de poesia do que de bom senso — com perdão de quem nos lê.

Pois onde ha homem por muitos desejos que tivess e de ir passar que consentisse que uma dama fraca e sem forças se recostasse na dura enxerga duma prisão, comesse o amargo pão dos reclusos, bebess e a agua infecta que os algozes lhes dão e maguasse as canelas com os pesados grilhões que os ferem?

Então havia lá jantar que se saboreasse com prazer, sabendo-se que, para



que tal acontecesse, uma mulher estava passando as do Algarve, se assim nos podemos expressar?

Não foi, pois, por insensível que o coração do sr. Liberato Pinto se não deixou penetrar pelas doces palavras das poetisas.

Pelo contrario: fero se mostraria e não cavalheiro, se ordenasse a troca, sendo certo, que n'estas condições os presos políticos só sairiam das masmoras, como Mirabeau saiu do parlamento, pela forças das baionetas, e isso seria mais uma desgraça a juntar ás muitas que tem desabado n'este paiz, não dizemos ultimamente, como por aí se lada muitas vezes, mas desde Afonso Henriques, que foi um talassa muito respeitavel mas cujos sentimentos filiais são muito discutiveis.

Em todo o caso os parnasianos não devem deixar passar o episodio sem um soneto, pelo menos.

CORRESPONDENCIA

P. L. — Não temos tempo para trabalhar pelos outros. Consiga o amigo, se puder.

TAVARES. (Faro) — Não somos moço de recados. Quo tal está o idiota?!

SONETO. (Madame X.) — Não ha duvida de que a sua composição tem 14 linhas e de que rimam. E', porém, pouco para soneto.

RIO MOURO — Ai vai uma quadra das suas e está com sorte:

O leão rug e nos bosques
No pomar o rouxinol
Eu suspiro junto a ti
Quando aparece o arrebol.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Minha crida.

Desejunte munto vós festas na cumpanha de quem mais desijares ca minha ó fazer desta é vóa grassas a deus mas o pior é estar o pitrole a desacete fustões i tudo n' mais pur este gosto cumforme já te tanho dito. Canto ás duas livras que me mandastes pra eu trincar já tanho quem me dê pur elas binte a tres contos de reis mas inquanto nan chigar ós trinta nan as levan nin pur um conto de diavos. O's pois con eces 30 contos cas livras nus ande rinder compra af uma galinha i vaia ingurdando pró intruido que é cando conto ir paçar á terra. Natralmentes nan çobra nada dus 30 contos mas ce çobrar 1 ó 2 contos cumpra tamen mei alqueri de castanhas pra fazer um magusto e ce ós pois disto andas çubar uns quinhentos mal reis cumpra tamen 4 celitros de binho porque dis munto ben in riba das castanhas.

Ora agora droite ca Aurinha Aberanches filha da Adelina ditta (que mania que ten as molheres du triato de nan uzarem us nunes dus maridos!) foi munto fistijada uma nonte destas cum u «Carasão sego» cujo este bem a eer u eguinte: a ditta Aura tem um dente furado i cumo aparesse lá pello triato u incigne dintista Mario du Arte este prantouce a dezerle que foce ter cum elle ó Prado (alemvraste da cantiga «Cumo é velo ber nu prado?») i que lá le tiraba u dente cum u Grijó çaber. A caxupinha que é tonda injenua, istás a ber ó Zefa, bai nu inbrulho mas dale pra intrar n'uma tasca cu Mario pra buber dous selitros prá durmeser as



jinjivas i armace um çarilho que nim lá na festa de Ri de Coiros ó pé da noça terra. A' naifadas, i outros ingurdientes parsidos bem a pulissa i leba tudo pró xelindró inclusivel a D. Aura, menus u ditto Mario que ce paça prá Arjintina nu prumeiro bapor que larga du Manzanares. Cumo u mano da Aura é revlusionairo cebil cum munta impurtansa nas ótiridades la concegne tirar a mana du xelindró, mas aquilo na cedade fás u iscandlo tan grande que ninguem quer çazar cum a caroxinha—lá me ingani, isculpa—cum a D. Aura cenão u çacramento que istá munto acustumado cum a caxupinha i que nan é lá da quelas, tanto le fás cu Ma-

EM FOCO

Cristiano de Sousa



*Para no vinte e um, no novo ano,
Entrar, como se diz, co'o pé direito,
A' musa peço que se ponha a geito
E canta o velho artista Cristiano.*

*Em tempos fui com ele deshumano,
Porem nunca mordaz ou sem respeito;
Presto-lhe agora aqui devido preito,
Que a hora já chegou do desengano.*

*Foi ele o Cyrano; n'uma gravura
Em foco o belisquei, como é da praxe,
E arrependido estou da diabrura,*

*Tanto que vou agora pôr-lhe um pache,
Saudando-o, porque até na desventura
Se ergue de capa, espada e de «pannache»!*

BELMIRO

rio le tanha tirado u dente como nan. O's pois pra onde dianhos ão de ir os noibos? Pra Tanjer, porque oiviram dezer ó Culasso caquillo é que era uma grande terra pra lua de mel i infetivelmente aparesse un pano du fundo cum lua pintada pello Margulhão que inte paresse a roda d'um carro. N'isto entram dous moiros çalumaleque prá qui çalumaleque prá coli, un moiro trás uma carta du teimoso du Mario que çabendo ca Aura istá in Marrocos dá un pullo da Arjintina inté lá cempre cum atineta de le firar u dente, mas a Aura resga a carta i o çacramento cumessa intão a ámar munto a ispousa i viso verço, ons olhos in alvo a olhar prá lua que pur cinal lá in Tanjer nace du lado de Jibraltar. I cum isto nan te infado mais i arressebe muntas çoidades deste ca bida te deseija inté cando deus quixer.

*Jerolmo,
Emprezario do Paulteama
de Peras Rutvas,*

Sem moeda

Diz-nos o nosso correspondente especial em Moscow que aquilo lá pelas Russias vae de vento em pópa. Todas as teorías sovietistas estão sendo postas em pratica com magnifico resultado, cempreendendo a da supressão da moeda.

Como se sabe um dos ideais dos bolchevistas era o acabar com o dinheiro, que não é preciso para nada desde que substitua por aquilo que ele representa.

Para que demonio, efectivamente, serve o intermediario, quando as duas partes interessadas se podem entender?

Assim, diz-nos o nosso citado correspondente quando uma pessoa necessita d'um par de botas dirige-se ao sapateiro como é natural, e em troca dá-lhe o que produz. O freguez é, por exemplo um cocheiro: o sapateiro entregalhe as botas e o cocheiro deixa andar o sapateiro de trem um certo numero de horas.

Imaginemos—se ainda não cempreenderam, porque ha gente muito romba—que um pianista precisa dum fato. Que



faz? vai ao alfaiate, recebe a farpela e em troca toca a «Viuva alegre ou qualquer outra musica da predileção do outro.

Está-se a vêr que a maior dificuldade n'estas trocas-baldrocas é para as senhoras, porque são muito poucas as profissões que exercem comparadas com as que exercem os homens: já se sabe que em troca d'um metro de seda podem pregar um botão n'umas calças do caixeiro, mas poucos mais serviços poderão prestar ao sexo forte. E', pois, um problema que o bolchevista ainda não resolveu e para o qual se chama a atenção dos nossos intelectuais.

Vocação para açambarcador



No dia do Natal.

— O menino Jesus deu-me só isto! Se eu soubesse, tinha posto na chamine as botas de meu pai!